



O QUE É SER UM PROFESSOR DE REDAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA BILÍNGUE INTEGRAL

JABORANDY, Bruno¹

GT 6 – Leitura, Escrita, Análise Linguística e Multimodalidade

RESUMO

Relato de experiência de um professor de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual em escola bilíngue integral de elite em Recife, Pernambuco. Abrange período de quatro anos, abordando dificuldades e contradições do fazer docente em uma escola que utiliza metodologias ativas. A pesquisa, de abordagem qualitativa e quantitativa, analisa o trabalho com a disciplina de Produção Textual e os resultados obtidos. Inclui o uso de argumentos científicos para dar base ao relato, diferenciando-o de uma simples experiência pessoal. A fundamentação teórica baseia-se em diversos autores e na BNCC. Os resultados apresentarão médias de notas, evolução com plataformas de correção e feedback dos alunos, além da criação de um sistema para garantir repertório sociocultural, crucial para a Competência II do ENEM. As considerações finais abordam as pressões sobre o professor de redação e o desafio de desenvolver repertório nos alunos, diante das expectativas dos responsáveis e da influência de cursinhos preparatórios.

Palavras-chave: Redação, Escola Bilíngue, Relato de Experiência

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA

Meu relato parte de uma perspectiva muito individual de vivência, situada em um período de 4 anos, como professor de Língua Portuguesa, Literatura e Produção textual para os 6º e 7º, e de 2 anos como professor de Produção Textual para o 9º ano. O locus é uma escola bilíngue em tempo integral da zona sul da cidade de Recife, voltada para os filhos da elite financeira. Coloco-me como sujeito da pesquisa e considero os alunos e seus responsáveis, a coordenação/direção e os colegas de trabalho como sujeitos complementares/adicionais. Levo em consideração a pontuação de Ludke e Cruz (2010, p. 89), segundo os quais “um relato de pesquisa é também um relato de experiência vivida. Todavia, nem toda experiência é resultante de um processo de pesquisa”, que nos leva a considerar a importância da utilização de argumentos científicos que forneçam uma base

¹ Professor da Educação Básica em Recife, Pernambuco, estudante de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. Email: brunojaborandy@gmail.com





importante para esse relato, já que não se trata, de maneira alguma, de um simples relato pessoal.

OBJETIVOS DA AÇÃO EDUCATIVA

A experiência de professor que trazemos aqui é um relato das dificuldades e contradições existentes na prática do fazer docente, em uma escola que tem como princípio a utilização de metodologias ativas, com professores que têm uma abordagem crítico-social dos conteúdos, alunos que sabem caminhar pela via tradicional e progressivista e pais que, muitas vezes, ainda enxergam a escola a partir de uma visão tecnicista da educação (LIBÂNEO, 1992). São reflexos, obviamente, de um sistema escolar que proporciona essas dicotomias, amparado em uma lógica de mercado voltada para os resultados. É de se esperar que uma escola com apenas quatro anos de existência seja questionada em seus métodos, pois ainda não formou sua primeira turma de Ensino Médio, carecendo, então de índices que comprovem a eficácia de seus métodos, tendo a escola escolhido por investir maciçamente em olimpíadas do conhecimento enquanto esse quadro não possa ser divulgado. Meu relato parte de um fio narrativo iniciado em dezembro de 2021, mês de minha mudança para trabalhar na escola, em Recife, no qual relato o desafio de participar da equipe fundadora da escola, caminho pelos anos de 2023 e 2024, quando a escola implantou oficialmente a disciplina de Produção Textual e “finalizo” em junho de 2025, recorte esse necessário para o entendimento dos diversos momentos dessa experiência, seus percalços e pequenas vitórias.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Utilizarei como subsídio teórico Costa, Martins e Pereira (2023), Antunes (2003), Geraldi (2006) e Koch (2014). O trabalho para a produção das aulas baseou-se, principalmente, nas obras de Polito e Polito (2018) e Salvador (2013). Ao lado da bibliografia citada acima, encontram-se também os conteúdos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a maneira como a produção textual é trabalhada nesse documento, em consonância com o livro didático de Cereja (2025) e as plataformas de correção de





redações Pontue, RED1000 e Redacionar. Será utilizada, também, a cartilha de Produção Textual do ENEM 2024, que orientou os mais recentes planejamentos. De acordo com a cartilha “ a prova de redação exigirá de você a produção de um texto dissertativo-argumentativo, em modalidade escrita formal da língua portuguesa, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política” (INEP, 2024,p.5). Essa descrição, deveras simples, carrega em si uma série de meandros específicos, detalhes que devem ser destrinchados e os quais os alunos devem ter uma excelente base sobre.

O relato de experiência aponta, então, os desafios surgidos a partir da instrução acima, ensinar os alunos a trabalhar um ponto de vista, com argumentos consistentes, estruturados, com coerência e coesão. Habilitá-los a entender a necessidade de fazer a seleção, organização e relacionar seus argumentos. Sem esquecer, é claro, do mais importante: a proposta de intervenção.

Partindo de um continuum no qual os alunos já trabalharam textos argumentativos, como artigo de opinião, é quase um processo de reeducação mostrar as diferenças que um texto dissertativo-argumentativo deve ter. A principal diferença mora, justamente, nessa proposta de intervenção.

O contexto de vida desses alunos faz com que eles tenham a plena crença de que sua opinião deve ser sempre levada em consideração, muitas vezes eles trazem tintas que, claramente, não são suas, vêm de casa, de ouvir os pais falando. Essas opiniões ecoam nas mentes desses adolescentes de 12 a 14 anos e ganham um corpo desajeitado. São várias aulas dedicadas a explicá-los que, sim, a opinião deles é importante, mas que há normas e valores, éticos e de respeito aos direitos humanos que devem ser preservados na proposta de intervenção.

Ou seja, é preciso entender o problema, destrinchá-lo, construir argumentos coerentes e elaborar uma proposta de intervenção para a resolução desse problema. Segundo a cartilha do INEP, deve-se realizar as seguintes perguntas: “1) O que é possível apresentar como solução para o problema? 2) Quem deve executá-la? 3) Como viabilizar essa solução? 4) Qual efeito ela pode alcançar? 5) Que outra informação pode ser acrescentada para detalhar a proposta?” (INEP, 2024, p. 29).

Para alcançar esse objetivo, o professor deve preocupar-se em uma base até mesmo constitucional para esses alunos, para que entendam o que é inalienável, fazendo com que





o docente caminhe em uma corda bamba e deslizante, na qual receia emitir suas visões pessoais e coloca-se como um agente estimulador do debate, desconstruindo falácias e argumentos baratos. Deve ainda ter um cuidado com alunos que são empenhados em jogar temas e polêmicas que podem ser isca para a busca dos argumentos pessoais do professor.

Por me preocupar com as aulas e a maneira pela qual estou ensinando essas habilidades elaborei, então um formulário de feedback, anônimo, para que esses alunos fossem bem claros sobre o que esperavam da disciplina e o que estava sendo alcançado. Levantei as perguntas:

1. Qual é a sua opinião geral sobre as aulas de produção textual neste ano?
2. Quais foram os aspectos mais úteis ou interessantes das aulas de produção textual?
3. Você sentiu que as aulas de produção textual ajudaram a melhorar suas habilidades de escrita? Por quê?
4. Houve algum tópico específico que você achou mais desafiador ou difícil de compreender?
5. Como você avalia a eficácia dos exercícios práticos ou atividades de escrita realizadas em sala de aula?
6. Você se sentiu confortável em pedir ajuda ou esclarecer dúvidas durante as aulas de produção textual?
7. Como você se sentiu em relação ao feedback recebido em seus trabalhos escritos durante o ano?
8. Em uma escala de 1 a 5, sendo 1 pouco preparado e 5 muito preparado, o quanto você se sente confiante em suas habilidades de escrita após participar das aulas de produção textual neste ano?

As respostas às perguntas acima me prepararam para enfrentar os questionamentos dos pais, a entender o que eles querem dessas aulas e avaliar o que está sendo praticado de positivo.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS





Nosso estudo assenta-se sobre práticas qualitativas, de análise do trabalho desenvolvido à frente da disciplina de Produção Textual, aliadas a práticas quantitativas, com a demonstração de alguns resultados obtidos. Não serão citados nominalmente nenhum dos alunos sujeitos da pesquisa, sendo tratados por pseudônimos, além de haver um cuidado em não ferir a anonimidade dos sujeitos complementares da pesquisa. Tampouco será citado o nome da escola onde o trabalho se desenvolveu. Serão exibidos, no entanto, alguns trechos de produções textuais, uso esse autorizado pela escola e pelos responsáveis, resguardando o nome dos autores.

RESULTADOS

Os resultados apresentados irão abranger o quantitativo de médias das notas dos alunos, aliado ao quadro comparativo de evolução desde o início da utilização de plataformas de correção de redações. Junto a isso será apresentado, também, um feedback realizado por todas as turmas em relação às aulas, se estão indo ao encontro das metodologias ativas enquanto oferecem subsídios para uma boa prática de escrita de redação. Também é muito importante a criação de um sistema de registro que garanta a aquisição de repertório sociocultural, aspecto avaliado na Competência II do Exame Nacional do Ensino Médio e que se configura “como uma informação, um fato, uma citação ou uma experiência vivida que, de alguma forma, contribua como argumento para a discussão proposta”(INEP, 2024, p. 15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto tão voltado para os resultados, a posição do professor de produção textual carrega em si uma série de pressões, que se exercem desde os alunos até seus responsáveis, passando por toda uma cadeia hierárquica escolar. Seu trabalho é julgado, é necessária a constante apresentação de resultados, as entregas dos trabalhos corrigidos (ou com suas notas) deve ser feita periodicamente, além de comunicar aos pais o trabalho que está sendo feito semanalmente. Além disso existe a necessidade de alimentar o sistema de gerenciamento escolar da própria escola, com materiais e sugestões de leitura.





Quando se trata de preparação para a redação do ENEM o que realmente pesa é a questão do repertório. Como garantir a aquisição de repertório por parte desses alunos que, mesmo que privilegiados econômica e socialmente, não tem o costume de consumir material informativo algum além do que é solicitado pela escola, que costumam clamar que “já estudam bastante”, por serem parte de um sistema integral de ensino?

É um longo trabalho de convencimento por parte do professor, que precisa repetir aula após aula a necessidade do consumo de diferentes gêneros, como notícia, podcast e artigos de opinião, para que garantam uma boa nota na redação do ENEM. Mesmo após receberem suas notas, corrigidas pelas plataformas, de lerem que a grande questão envolve a ausência de repertório, esses indicadores não parecem suficientes para uma mudança de opinião e de atitude.

Há um grande embate, também, entre o que os cursinhos preparatórios de redação oferecem e o que a escola constrói. No discurso de venda desses cursinhos há, inclusive, uma verdadeira rejeição ao trabalho da escola, apontando que os fatores que irão determinar uma boa nota não são ensinados pela escola. Há uma infinidade de fórmulas, na qual os alunos memorizam determinadas frases e operadores argumentativos, para construir seus textos, e expressões como “frase coringa” são ouvidas por nós no cotidiano escolar.

É necessário, então, manter uma atitude que revele nossa autoridade na condução desse trabalho, que nos permita contestar essas construções simbólicas que vem de casa, do que eles consomem da internet e do mal que os cursinhos de preparação para redação apontam.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. 6. ed. São Paulo: Parábola, 200.p. 181.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.





CEREJA, William. **Ensino fundamental** : anos finais : Plataforma Par Conecte Língua Portuguesa : 6º ano / William Cereja, Carolina Dias Vianna. -- 1. ed. -- São Paulo : SOMOS Sistemas de Ensino, 2025.

COSTA, Mireile Pacheco França; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; PEREIRA, Cléo Mann. **Prática pedagógica no ensino de redação ENEM**: o estado do conhecimento. Eccos - Revista Científica, São Paulo, n. 64, p. 1-24, e22280, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n64.22280>.

GERALDI, João Wanderlei. **Ler e escrever na escola e fora dela**. In: A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 139-147.

GERALDI, J João Wanderlei. **O texto na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

GERALDI, João Wanderlei. **Portos de passagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). **A Redação no ENEM**: Cartilha do Participante, 2024. Brasília: Inep, 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. In: Democratização da Escola Pública - a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. da. **Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica**. Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 86–107, 2010. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/20>. Acesso em: 9 jul. 2025.

